

A ASSEMBLÉIA DE DEUS E O G-12 EM FEIRA DE SANTANA: disputando fiéis e eleitores

Késia Caroline Souza Conceição¹

RESUMO: O campo religioso feirense, entre 1998 à 2006, apresentou uma intensa disputa por fiéis e eleitores. Esse período foi marcado pelo surgimento de uma metodologia neopentecostal denominada G-12. Essa metodologia tem grande influencia nas práticas eclesiásticas das denominações e também nas suas relações com a política. Este trabalho tem como objetivo analisar como a Assembléia de Deus em Feira de Santana reagiu às novas práticas eclesiásticas e políticas geradas pela metodologia G-12.

Palavras-chave: Protestantismo - neopentecostalismo - Feira de Santana.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla, que ainda está em andamento, desenvolvida no Centro de Pesquisas da Religião da UEFS e tem como objetivo a análise das representações políticas e dos discursos desenvolvidos na Assembleia de Deus em Feira de Santana(AD), bem como nos grupos religiosos que aderiram à metodologia denominada G-12.

A Assembleia de Deus (AD) é um grupo pentecostal, que faz parte da primeira onda pentecostal o qual deriva diretamente do movimento que surgiu nos Estados Unidos em 1906, liderado por W. J. Seymour, um garçom negro que em suas pregações utilizava-se da glossolalia². A AD foi fundada no Brasil em 1911, por dois missionários batistas suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren.

O pentecostalismo chegou a Feira de Santana em 1938, apesar de haver pregações assembleianas já em 1936, feitas por um comerciante de animais. O contexto do campo religioso feirense era de maioria católica. Os assembleianos não são o primeiro grupo protestante a chegar à cidade, no século XIX já havia missionários presbiterianos fazendo proselitismo através da venda de Bíblias e em 1937 foi criada a Igreja Evangélica Unida, que posteriormente passou a chamar-se Igreja Evangélica Fundamentalista. Nas décadas de 1960 a 1990 um grupo de presbiterianos ecumênicos teve uma forte atuação social e política na sociedade feirense (Silva, 2010).

A metodologia G-12 está em consonância com o neopentecostalismo, este faz parte da terceira onda pentecostal do Brasil, iniciada nos anos 1970. As principais características do neopentecostalismo são: adesão a teologia do domínio e sua concepção de que o mundo está em poder de Satanás e daí a necessidade do cristão declarar uma guerra espiritual contra o diabo por meio de orações afirmativas, jejuns, atos proféticos e marchas, porque o Diabo é o único causador de males à sociedade. O neopentecostalismo teve grande adesão em Feira de Santana e no Brasil, em geral.

Para pensar as relações políticas da Assembleia de Deus e do G-12 trabalhamos na perspectiva da História Cultural, especialmente o conceito de representação de Chartier que entende que:

“As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (política, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras”³.

Tem como baliza teórica, também, as reflexões de BOURDIEU (2009), principalmente no que se referem ao campo religioso que engloba uma relação de interdependência e de reforço recíproco entre religião, sistemas simbólicos, condições econômicas e sociais bem como relações de poder. O conceito de campo religioso possibilita perceber a disputa no campo religioso e no campo político feirense.

O estudo está baseado na análise de documentos produzidos pelos grupos como revistas de Escola Dominical, jornal Mensageiro da Paz, ambos publicados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) e as atas de reuniões realizadas pela comunidade no período. Foram utilizadas fontes orais, entrevistas a líderes e congregados que pertenciam à igreja no período e entrevistas a membros das comunidades que aderiram à nova metodologia.

O método G12 teve grande abrangência em Feira de Santana, primeira cidade da Bahia a adotá-lo, em muitas comunidades gerou conflitos e rupturas, tanto com a membresia como suas respectivas convenções. A Assembleia de Deus não comungava com esta metodologia, mas muitos dos seus membros migraram para comunidades “gedozistas” e outros fundaram comunidades baseadas nesses preceitos. Alguns fiéis candidataram-se a cargos políticos, disputando o voto dos irmãos assembleianos, trazendo novas configurações ao campo religioso e político feirense.

A cidade de Feira de Santana localiza-se entre o Sertão e o Recôncavo Baiano teve sua origem no comércio de produtos agropecuários e atualmente é a segunda cidade do Estado da Bahia em densidade demográfica e importância econômica. O processo de modernização e urbanização se intensificou no final da década de 1960 com a implantação do Centro Industrial do Subaé (CIS) e o crescente desenvolvimento comercial da década de 1970, favorecido pela sua localização de entroncamento rodoviário, cortada por três rodovias, ligando várias regiões do País. O êxodo significativo do campo para a cidade nas décadas de 1970 e 1980 ocasionou um considerável aumento da população feirense, que repercutiu também nas comunidades protestantes.

CONHECENDO A METODOLOGIA G-12

O movimento G-12 teve sua origem em Bogotá, Colômbia, sob a liderança do casal Castellanos, na década de 1980. Consiste em um método de crescimento numérico e de expansão política eclesiais. O pastor Cesar Castellanos teve uma visão de Deus, que o seu rebanho seria tão grande como a areia do mar e as estrelas do céu, tal qual teve o patriarca Abraão no Velho Testamento. A perspectiva do casal colombiano incluía a participação política, Cláudia Castellanos tornou-se senadora da República da Colômbia pelo Partido Nacional Cristão (PNC), eleita com maioria dos votos dos evangélicos para um mandato político com o objetivo de dar visibilidade e ao mesmo tempo propiciar a intervenção do grupo religioso nas políticas públicas e sociais. O G-12 provocou uma verdadeira turbulência no campo religioso e político da Colômbia.

O G-12, ou Grupo dos Doze, em alusão aos apóstolos de Jesus, tem suas características próprias, apesar de estar em consonância com o neopentecostalismo. Segundo Eliana Andrade é:

“modelo de organização da igreja, com ênfase, em promover cultos nos lares, também chamados células, visando um crescimento maior do número de membros e uma experiência de comunhão”⁴. Defende a participação política da instituição eclesial e de seus membros individualmente.

Jardilino (2001), afirma que o neopentecostalismo se tornou o pentecostalismo dos ajustes, ajustaram-se ao uso dos meios de comunicação de massa para disseminar a mensagem religiosa, à aplicação do marketing na igreja para promover o comércio dos

bens religiosos e a adoção de modelos empresariais na organização eclesiástica das comunidades. Consideramos o G-12 como um dos ajustes do neopentecostalismo, pois é um marketing religioso, que usa de forma eficaz instrumentos e estratégias de comunicação de massas e busca avidamente espaços políticos institucionais.

O método firma-se na a ideia de que cada pessoa que se converte a Cristo independe de qual igreja está vinculado, deve ser integrada a um grupo com 12 pessoas, as células, e a cada semana deve alcançar novas pessoas, cada novo crente torna-se um líder em potencial, o qual depois de treinado é alçado a condição de líder de célula. Também ficou conhecido como Igreja em Células. Foi inserido no Brasil pelo apóstolo Renê de Araújo Terra Nova, líder da Igreja Batista Memorial em Feira de Santana e pela pastora Valnice Milhomens, em 1999. Essa metodologia já era utilizada pelo pastor Paul (David) Yong Cho em sua igreja na Coréia, mas foi adaptada ao contexto político-religioso brasileiro.

Poucas pesquisas históricas foram realizadas sobre o G12. A dissertação de Mestrado em Sociologia de Eliana Andrade faz uma análise da relação igreja e sociedade através da Visão dos Doze e como isto repercutiu na comunidade evangélica e na sociedade soteropolitana, o que mudou nas atividades proselitistas e levou à participação e a busca de solução para os problemas sociais locais. Andrade analisa a dinâmica e a reelaboração na estrutura eclesiástica da Igreja Batista de Pernambués e na Primeira Igreja Batista do Brasil, ambas em Salvador.

Outra pesquisa que trabalha essa temática é a Dissertação de Caroline Luz e Silva Dias realizada em Feira de Santana, faz uma análise das práticas e representações religiosas e das relações culturais e sociopolíticas das comunidades religiosas que aderiram ao G-12. Também é analisada a adesão e a desvinculação das Igrejas Batistas da Convenção Batista Brasileira por causa de divergências doutrinárias, bem como a participação feminina nos cultos e no sacerdócio. A pesquisa de Dias traz uma contribuição relevante ao discutir a dinâmica do movimento no contexto feirense, permitindo-nos uma maior compreensão de como se configurou o campo protestante após a chegada da nova metodologia de crescimento na cidade.

A REAÇÃO DOS ASSEMBLEIANOS ORTODOXOS

A metodologia colombiana foi inserida no campo religioso feirense desde 1999, mas as primeiras ações de repulsa na Assembleia de Deus só aparecem nas fontes a partir de março do ano 2000. Mas a reação ao G-12 só constaria na ata do mês de abril da mesa diretora da CEADDEB na fala do pastor presidente Walmar Alcântara: “fica confirmado o parecer de ética emitido pela CGADEG sobre o G-12, qualquer que me perguntar ou ligar eu o confirmarei”⁵. Após esta ata todas dos meses subsequentes do ano 2000 trazem questões sobre o G-12.

A análise das fontes permite perceber como as lideranças da AD conceberam a metodologia G-12 e como orientaram os fiéis. A revista *Heresias e Modismos: combatendo os erros doutrinários*, publicada em 2003, visava alertar aos fiéis sobre os ardis de religiões, filosofias e modismos religiosos, mas a parte que traz uma discussão sobre o G-12 é a lição intitulada de *Regressão Psicológica*. Na revista em questão há um combate às práticas que o método traz, porém havia um enfoque maior à descrição da prática de regressão psicológica e os problemas psíquicos e espirituais que ela poderia gerar.

É possível observar nos fragmentos a seguir os argumentos utilizados para combater a metodologia: “é uma prática perigosa, pois se trata de um ataque à psique do indivíduo” e “Muitos mestres desta prática afirmam, ostensivamente, que o poder de Jesus não é suficiente para curar os traumas emocionais provocados na infância”⁶. Os argumentos eram em torno de duas questões importantes para o fiel, a primeira é saúde da mente onde o culto à divindade é racionalizado e a questão doutrinária, invalidação do sacrifício de Jesus, este deixa de ser suficiente e passa a necessitar de auxílio humano.

Como a revista é de caráter doutrinário e direcionada aos fiéis, houve um esforço muito grande em apontar os equívocos teológicos e problemas que a metodologia traz. Foram citadas as práticas utilizadas pelo método, posteriormente, baseados em textos da Bíblia. Procura-se desconstruí-las, ao fazer isso reafirma sua própria doutrina, manipulando a opinião do leitor. Rubem Alves chega à conclusão de que quando há ameaças externas a uma religião sua tendência é centralizar-se em seus preceitos, percebemos isso claramente nos escritos da revista, sempre ressaltando o que AD defende e procurando fundamentar sua posição na Bíblia, a qual para a comunidade é regra de fé e prática.

Rubem Alves se refere ao tipo ideal do Protestantismo de Reta Doutrina (PRD), que é o protestantismo que privilegia uma série de formulações doutrinárias que são tidas como a verdade, sendo esta condição necessária para permanência na comunidade. Grupos ortodoxos ao depararem com uma nova articulação da fé,

“Sentiram-se profundamente ameaçadas e agiram de forma rigorosa para restabelecer o domínio do discurso ideológico-teológico tradicional, o que implicou na instauração de práticas inquisitoriais, para eliminar os discursos divergentes, classificados como heréticos”⁷.

A AD, enquanto instituição organizada defendeu a reta doutrina, ao mesmo tempo em que considerou o G-12 como uma heresia, que deveria ser combatida.

Para o combate das práticas gedozistas na Bahia, foi criada uma comissão responsável pela investigação das congregações ligadas a CEADÉB, suspeitas de praticar o método G-12. Segundo a ata da mesa diretora de 09 de junho de 2000, a comissão deveria ouvir o ministério, ouvir os membros e fazer de tudo para elucidar a questão. Foi criado um verdadeiro sistema de *Vigiar e Punir* dentro da comunidade assembleiana. Neste estado de vigília as denúncias de pastores que praticavam o G-12, continuaram e juntamente com elas as advertências aos mesmos. A ADEFS foi denunciada pela comissão, há referência de advertência ao pastor Carlos Tolentino, presidente da ADEFS desde maio de 2000, não foi explicitado o motivo, mas está no contexto da Ata que discute o G-12. O certo é que o pastor presidente da ADEFS renunciou em 23 de julho de 2000.

A ASSEMBÉIA DE DEUS, O G-12 E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

A política para os assembleianos, inicialmente, era condenável, tinham completa aversão às coisas deste mundo. “Os assembleianos achavam que a entrada dos pastores na política poderia significar uma disvirtualização dos valores religiosos que se pregavam”⁸. Igor José Trabuco da Silva analisou mudanças nesse discurso. Na década de 50 já havia registro de candidatos para a Câmara de Vereadores de Feira de Santana de membros da ADEFS, mas ainda encarados com muitos preconceitos. Em 1972, foi eleito Gerson Gomes Silva, o primeiro membro da ADEFS a assumir a cadeira de

vereador do município de Feira de Santana. Também é possível observar que esta comunidade já exercia práticas políticas através de entidades assistenciais, orfanato e centro de recuperação para viciados, com relações clientelistas com políticos locais e do Estado da Bahia.

Jean Neilla Rocha Ferreira analisa a participação dos assembleianos na política partidária em Feira de Santana, oficializando candidaturas e a eleição de um de seus líderes, o pastor Severino Soares, para a Câmara Municipal de Feira de Santana de 1994-1996. Nas lições bíblicas da Escola Dominical percebe que, “a visão de afastamento das coisas do mundo incluindo a política, que foi a posição oficial por várias décadas, não aparece mais de forma tão rígida”⁹. A flexibilidade para as atividades políticas percebidas por Silva (2009) na década de 1980 foi consolidada em 1990, segundo a análise de Ferreira (2009). A relação entre religião e política, para a Assembleia de Deus, deixou de ser alvo de condenação e passou a ser uma forma de defender os interesses ligados às atividades assistenciais e sociais desses evangélicos, como concluiu Silva (2009).

Uma das propostas do Grupo dos 12 é a inserção na esfera política e por fim a tomada do poder político em suas formas institucionais. Isto ficou decidido no Congresso de Resgate da Nação, realizado em 2000, em Porto Seguro, Bahia. A participação política se tornou importante, pois é uma das possibilidades de retirar o mundo das mãos do maligno, crença sustentada pelos gedozistas¹⁰. É possível observar que “se evidencia no discurso gedozista um projeto político alternativo para a nação, mais do que um projeto religioso”¹¹. Após esse congresso, foram realizados encontros para desenvolver estratégias e metas a serem alcançadas no campo político. A partir de então diversos líderes do G-12 lançaram candidaturas ao legislativo e executivo, acirrando uma disputa não só no campo religioso, como também no campo político.

Em Feira de Santana a inserção na política de candidatos ligados ao G-12 teve como resultado a eleição para a Câmara Municipal de Jorge Raimundo de Oliveira Silva, entre 2000 e 2004. Esse vereador foi responsável por uma série de Projetos de Lei que favoreceu a grupos evangélicos, como conceder utilidade pública às associações comunitárias religiosas. Também decretos de leis foram apresentados por parte deste vereador, um dos quais concede o título de cidadão feirense à René de Araujo Terra Nova, líder do G-12 de Feira de Santana e no Brasil. Segundo Dias “as candidaturas destes vereadores têm uma aparência de reais motivações religiosas e

intestinas, sem grandes propostas coletivas para resolução de problemas sociais da cidade”¹².

Essas experiências de evangélicos na política deu fôlego a novas candidaturas, no pleito eleitoral de 2004 quatro evangélicos se candidataram dentre eles o pastor da Assembléia de Deus Edvaldo Lima, o qual foi derrotado nas eleições. O único a alcançar o cargo de vereador foi o pastor Justiniano Oliveira França, segundo Dias (2009), o qual fez da comunidade religiosa a sua base eleitoral. A candidatura de neopentecostais tem maior recorrência, por este grupo manter um diálogo maior com a sociedade, mas para os pentecostais a abertura para a política ainda é muito discutida, principalmente pela visão que permeia o imaginário de muitos fiéis de que *o reino não é deste mundo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o protestantismo em Feira de Santana é um campo que oferece várias demandas de estudos científicos, o presente trabalho apenas analisa uma das possibilidades. As questões sobre a reação da Assembleia de Deus ao G-12, não findam com as explicitadas aqui, nem as possibilidades de análise como as feitas neste trabalho, há muito que pesquisar no campo vasto que é o protestantismo.

O G-12 foi e é tema de diversos estudos do campo religioso brasileiro. Além das questões políticas, é possível perceber ao analisar as fontes que o G-12 representou um *fantasma* que assombrou reuniões e publicações da Assembleia de Deus. Diversas publicações da CPAD direcionadas a membresia e aos pastores no intuito de afastá-los desse *perigo teológico*, pois essa metodologia *gera o enfraquecimento das igrejas de ensino sério e histórico*, desencadeando uma acirrada disputa por fiéis no campo religioso brasileiro e feirense.

A metodologia G-12 proporcionou aos grupos protestantes de Feira de Santana maior participação na política partidária, houve uma ampliação significativa de candidatos evangélicos à Câmara Municipal da cidade. As disputas entre grupos protestantes passaram a ser não só por fiéis, mas também por eleitores. O engajamento na sociedade, uma das principais características de grupos neopentecostais, foi

responsável por uma maior participação política e visibilidade dos protestantes em Feira de Santana.

¹ Késia Caroline Souza Conceição, graduanda da Universidade Estadual de Feira de Santana, bolsista FAPESB; kc.carol@bol.com.br .

² Capacidade de reproduzir o fenômeno conhecido por dom de línguas.

³ CHARTIER, Roger. A História cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel/RJ: Bertrand Brasil, 1990, p.23

⁴ ANDRADE, Eliana. A visão celular no modelo dos 12: Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaço entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA, 2010. 2010, p. 63

⁵ Ata da mesa diretora da CEADDEB, 14 de abril de 2000, p. 71.

⁵ Termo utilizado pelas fontes para denominar as práticas ou os praticantes da metodologia G-12.

⁶ (Revista da Escola Dominical, Seitas e Heresias, 2003, Lição 8, p 35

⁷ ALVES, Rubem. Protestantismo e Repressão. São Paulo. Editora Ática, 1979, p. 29

⁸ SILVA, Igor José Trabuço da. “Meu reino não é deste mundo”: A Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana, (1972-1990). Dissertação de mestrado em História, UFBA, Salvador. 2009, p. 16

⁹ FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. O Papel da Mulher na expansão e consolidação da Assembleia de Deus em Feira de Santana (1949 -1980). Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS. 2009, p.44.

¹¹ ANDRADE, Eliana. A visão celular no modelo dos 12: Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaço entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA. 2010, p. 123).

¹² DIAS, Caroline Luiz Silva. Os neopentecostais em Feira de Santana: da visão celular do modelo dos 12 ao mover celular do fruto fiel. Dissertação de Mestrado, UEFS, Feira de Santana, 2009. p.146.